

Fátima na luz da Páscoa

28 a 30 de março de 2024,
Tríduo Pascal / Santuário de Fátima

SEXTA-FEIRA SANTA

SEGUNDO ENCONTRO

Unir-se à redenção

1. Pórtico

Hoje é Sexta-feira Santa.

Hoje, contemplamos o mistério da paixão e morte de Jesus, o Filho de Deus que, por nosso amor, se sujeita livremente à morte, e morte de cruz.

Na cruz redentora do Calvário brilha paradoxalmente a glória de Deus, a maior expressão do amor que nos salva.

No alto da cruz Jesus tem sede. Os dolorosos trabalhos da sua paixão, a sua sede, o desejo ardente de realizar a obra do Pai, abrindo a todos o caminho da redenção, culmina no seu lado aberto pela lança do soldado, de onde jorra sangue e água.

Em Fátima, a Senhora de olhar bondoso e sofrido convida a olhar «para Aquele que trespassaram» e, unidos a Ele, a colaborarmos na redenção que Cristo nos estende.

Jacinta Marto ensina-nos como. A sua ferida aberta no peito, configurada com a de Jesus, diz-nos da intensidade com que olhou e se deixou olhar pelo Crucificado, a ponto de ser uma com Ele, na alegria, na dor e no desejo de ganhar a todos para o Pai.

2. Leitura

Ao chegarem a Jesus, vendo-O já morto, não Lhe quebraram as pernas, mas um dos soldados **trespassou-Lhe o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água**. Aquele que viu é que dá testemunho, e o seu testemunho é verdadeiro. Ele sabe que diz a verdade, para que também vós acrediteis. Assim aconteceu para se cumprir a Escritura, que diz: «Nenhum osso Lhe será quebrado». Diz ainda outra passagem da Escritura: **«Hão de olhar para Aquele que trespassaram»**.

/ Jo 19,31-37

Voltou ainda algum tempo para casa dos pais, com **uma grande ferida aberta no peito**, cujos curativos diários sofria sem uma queixa, sem mostrar o menor sinal de enfado. O que mais Lhe custava eram as frequentes visitas e interrogatórios das pessoas que a procuravam e às quais agora não podia esconder-se. «Ofereço também este sacrifício pelos pecadores».

/ Santa Jacinta Marto, *Memórias* de Lúcia

3. Meditação

«Dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também», dissera Jesus aos seus amigos quando lhes deu a experimentar inauditamente a dimensão do seu amor, um amor sem outra medida que não a do excesso, da desmedida, do não-limite.

O extremo do amor, do seu amor, visibilizar-se-ia no excesso da cruz. Tudo na cruz é excesso: excesso de dor e de violência, excesso de exposição e de desamor, excesso de crueldade e de injustiça... excesso. A cruz desvela radicalmente a desmesurada medida do amor de Jesus: amor extremado porque total e absoluto, sem limite e sem fim, jorrante do coração daquele que é amor-em-si e amor-para-todos.

Aproximava-se um grande dia, diz-nos a Escritura no breve trecho que antecede o texto que escutámos — o sábado que se seguia era o dia da Preparação da Páscoa —, o escândalo não podia ficar exposto ao olhar. É que seriam, talvez, demasiados os olhos que reconheciam a dimensão do escândalo: a condenação e morte ignominiosa do inocente, a privação de qualquer traço de humanidade àquele que tinha passado a vida a devolver a dignidade aos homens e mulheres que tinham sido abençoados com o toque do seu olhar, da sua voz, das suas mãos. Afinal, era quase hora de celebrar a Páscoa! Mal sabiam ainda quão definitiva e plena seria aquela Páscoa.

É-me fácil e conveniente encontrar desculpas múltiplas para, também eu, desviar o olhar — e, mais radicalmente, o coração. Não estou preparado para ver no excesso da cruz o extremo a que é chamado o meu amor. Facilmente tomo para mim aquelas mesmas palavras de Jesus: “Pai, se possível, afasta de mim este cálice...”; mas dificilmente dilato o coração para as que, de seguida, livre e conscientemente pronunciou: “mas faça-se a tua vontade”.

A Jacinta sabia bem que era por causa das faltas ao amor que Jesus estava «assim pregado numa cruz», «morreu por nós». A Lúcia contou-lhe «como foi», como foi que o *Amor não foi amado*, continua a não ser amado. E porque o sabia bem, a Jacinta nada mais queria do que «fazer como Nosso Senhor». Dado o sim — aquele «Sim, queremos» que reconfigurou a vida de cada um dos três pequenos videntes —, assumido o mesmo compromisso livre e decisivo de Jesus no Getsémani — “Pai, faça-se a tua vontade” —, a sua vida breve foi esse contínuo ato livre de amor de quem só deseja «fazer como Nosso Senhor», unir o seu coração ao coração de Jesus, Bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas.

A ferida que a sua doença levou a que fosse aberta no seu peito não podia ser sinal mais eloquente, simbolicamente eloquente, da expansividade do seu amor e da inteireza da sua união à oblação de Jesus, à sua obra redentora da humanidade inteira.

A pequena Jacinta trouxe para o centro do seu coração os mesmos destinatários do amor de Jesus, particularmente aqueles que «não creem, não adoram, não esperam e não [...] amam», por quem oferecia todos os sacrifícios possíveis – o mesmo é dizer: por quem continuamente se oferecia inteira, por amor.

Voltemos àquela Sexta-feira; voltemos a olhar o Crucificado: o lado aberto de Jesus, rasgado pela lança, torna-se a fonte na qual todos os sedentos podem saciar a sua sede; no sangue e na água derramados consubstancia-se a vida que nos é oferecida, vida em plenitude, vida em abundância. No seu coração trespassado, ferido de amor, ferido por causa do seu amor, pode cada um de nós encontrar um abrigo escancarado, jamais fechado. A sede que Jesus pouco antes proclamara era a sede de que nos saciemos no seu amor, a sede de que bebamos da água viva que dele brota e que em cada um de nós originará nascentes de eternidade.

A beber desta água que mata essa sede, e assim jorrando como nascentes unidas à nascente da água viva, também nós, com a Jacinta, faremos «como Nosso Senhor».

4. Oração

Pai, fonte da compaixão,
o golpe da lança do soldado que abriu em ferida o lado de teu Filho
rasga de dor o teu coração
e desvela o abismo da tua misericórdia,
do teu amor que é todo mansidão e esperança,
que jamais se impõe ou violenta;
antes, tudo dá para nos resgatar.

Como santa Jacinta Marto,
intimamente unida à paixão redentora de teu Filho,
quero também unir-me a Jesus
e dizer, compassivamente:

R: Ofereço este sacrifício pelos pecadores.

Para participar na salvação que operas em favor de todos,

R: Ofereço este sacrifício pelos pecadores.

Quando a opção pela verdade e pela justiça for exigente,

R: Ofereço este sacrifício pelos pecadores.

Quero levar a minha cruz com amor, unida à cruz de Jesus.

Ámen.

Textos

André Pereira

Sandra Bartolomeu, sns



SANTUÁRIO DE FÁTIMA
SHRINE OF FATIMA